

O «DIA DA SAUDADE»

POLYANTHÉA

EM HOMENAGEM À MEMÓRIA DO



NASCEU A
23-6-1848

FALLECEU A
16-10-1905

PADRE JOÃO MARIA, no 30º aniversário do seu falecimento

JOÃO MARIA

Para estender a alguém da caridade o manto,
e enxugar da miséria a lagrima que róla,
não vacila em seguir o longínquo recanto...
E toda a dor que geme ao vê-lo se consola!...

Caminheiro do Bem — seu coração de santo
de um conselho e de pão guarda sempre uma esmola;
Nada possui. É pobre. Extingue, no entretanto,
a fome que aniquila e o frio que estiola...

As glórias, o poder, nada o seduz. Os dias
passam sem que lhes sinta as horas mais sombrias
da Caridade envolto em luminoso véo...

E um dia, enfim, tombou. Na choupana angustiosa
não mais entrou de pão a esmola generosa,
Mas milagres de amor se espalharam do Céu.

Outubro — 1935.

CAROLINA WANDERLEY.

Padre João Maria

Ao começar o presente esboço biographico, me vem á memoria o perfil desse homem excepcional que se chamou João Maria Cavalcante de Britto.

Era um typo de sertanejo, de estatura commum, de apparencia vulgar, os olhos abstractos, de quem segue uma dorida visão interior, a tez morena, tostada pelo sol das longas caminhadas em busca das creaturas simples como elle, quando o mandavam chamar nas horas extremas do desgano e da afflicção.

Nasceu no arraial denominado «Logradouro», no municipio de Caicó, em casa dos seus avós paternos, a 23 de Junho de 1848. Os paes, o capitão Amaro Cavalcante Soares de Britto e d. Anna de Barros Cavalcante, fizeram-no baptisar pelo vigario Domingos Pereira de Oliveira, conhecidissimo nos sertões do Seridó pela sua bohomia de padre aldeião. Apadrinharam-no o capitão Antonio de Barros Cavalcante Filho e dona Felicidade Francisca Cavalcante.

Na idade de 4 annos começou a estudar as primeiras lettras, servindo de mestre o seu progenitor, que encarregou mais tarde dessa tarefa o professor Manoel Pinheiro. Aos 13 annos seguiu para o seminario de Olinda. Ahi estudou os preparatorios e o curso ecclesiastico, deixando excellentes amizades entre mestres e condiscipulos.

Concluido o curso, seguiu para o Ceará, onde recebeu ordens, em 1871, voltando, nesse mesmo anno, á terra norte-rio grandense. Na cidade do Caicó, rezou a sua primeira missa.

Nomeado em seguida vigario de Jardim de Piranhas, ali se manteve até 1878, anno em que foi transferido para a freguezia de Flores.

Deparou-se-lhe, então, o primeiro ensejo de multiplicar a alma extremosa, não somente em pról dos infelizes que necessitavam de soccorros espirituaes, mas com toda uma população accommettida de variola, molestia que naquelle anno se alastrou pelos sertões de tres Estados—Rio Grande do Norte, Ceará e Parahyba, todos em lucta com a mais tremenda secca havida entre nós.

Os velhos habitantes de Flores ainda recordam esse homem cujos musculos, pela resistencia, pareciam de ferro, quando não eram mais um envolucro fragil de uma alma de ouro. Elle, como o Deus a quem religiosa e honestamente servia, achava-se em toda parte; e, não

raro, depois de um dia de trabalho insano, encontravam-no a deshoras, entre montanhas abruptas, galopando no seu burrico mal alimentado sob a acção continua de um sol de dois annos.

O pobre e santo homem, ia por esse largo mundo de Deus levar amparo e conforto ás victimas da peste, atormentadas pela visão terrifica da morte. Esua volta á casa era o regresso de uma machina de fazer o bem, sempre a mover-se, sempre a agitar-se, tecedeira incansavel desse véo invisivel que a bondade e o carinho põem em torno dos leitos dos agonisantes.

A sua peregrinação religiosa fez-se ainda em outras parochias do sertão: regeu as freguesias de Santa Luzia do Sabugy, na Parahyba e a do Acary, neste Estado.

Depois, em 1879, no fim da grande secca, veio para a villa de Papary, onde se demorou poucos mezes, transportando-se, em começo de 1880, para esta capital, na qualidade de vigario collado. Aqui teve logar a acção mais fecunda e suggestiva dessa nobre existencia.

Durante longos annos, num labor que só podia ser mantido com o amparo da Fé, o seu coração foi como uma hostia que se repartiu com todos.

Quando não teve mais o que dar—deu a vida.

Matou-o a grandesa da propria alma.

Era filho do sertão, nascera no isolamento dessas quebradas onde o canto da cauan é como se fosse um ai estridulo da Natureza,—e de lá trouxera gravada para sempre nos olhos e na alma a imagem das creaturas humanas mortas pela fome.

Por isso, quando vinha a secca e vinham das terras sertanejas os patriocios miseraveis, ainda mais se multiplicava, no desespero de não se poder repartir com todos os que soffriam e que por elle chamavam.

E como as crises climatericas vêm sempre acompanhadas da peste, eil-nos lares humildes, levando aos desgraçados o que lhe dava a caridade. E muitas vezes, quando encontrava doentes inanidos, elle proprio cosinhava o alimento dos miseros.

Nos momentos de desespero para os seus semelhantes era quando essa alma heroica se revelava em toda a sua extraordinaria grandesa.

Dava tudo quanto tinha, num des-

vairamento sublime. Dava o dinheiro que lhe mettiam no bolso; dava a rede em que dormia, trocando-a pelas taboas do soalho, e, — parece inacreditavel! — dava a propria camisa, ficando exclusivamente com a velha batina sobre o corpo extenuado.

Fazia-se preciso, então, que a irmã o vigiasse e, ainda assim, continuava a dormir no chão, porque nos tempos de miseria, as redes que lhe arranjavam eram dos pobres.

Matou-o a ultima epidemia. Não que a variola o accomettesse: morreu do esforço que fez para salvar milhares de infelizes. A peste começou em Março do anno passado e terminou em Novembro.

Foram mezes de torturas, durante os quaes o santo não descançou um momento. Quando a crise começou a declinar, essa prodigiosa existencia começou a declinar tambem.

A peste desapareceu depois que o seu maior inimigo sumiu-se no tumulo.

João Maria quasi abandonou a igreja; deixou aos mais calmos a passividade ascetica da oração.

Queria vigiar a dôr do seu rebanho, levando a uns o pão e a outros o viatico; e, nos ultimos dias em que o viram atravessando as ruas, era como um somnambulo, indeciso se andava a pé, vacillante se se transportava a cavallo.

Estava morto. Recolheu-se ao leito humilde sem saber o que tinha, impressionado com aquella fraquesa que lhe não permitia ver os pobres.

Levaram-no para um dos arrabaldes mais pittorescos d'esta capital, de onde se descortinava um panorama encantador e de onde elle, com os olhos semi-velados, deve ter visto, cheio da saudade dos ultimos adeuses, a silhueta esfarrapada das choças viudas da alegria dos simples que a peste levava.

Os medicos prohibiram-no de falar com os que o procuravam.

Mas elle, impaciente, não obedecia a ordem e pedia, supplicava «deixassem vêr o seu povo».

Assim esteve alguns dias, até que pouco a pouco, devagarinho, — tal a sombra que desce sobre o augusto silencio das montanhas — veio cahindo sobre o seu coração a paz misericordiosa da Morte.

Finou-se ás 8 horas da manhã do dia 16 de outubro do anno passado, serenamente, com a alma tranquilla dos fortes e dos justos...

Ahi fica, em poucas palavras, a biographia desse grande homem de bem. Elle pertence a classe dos heroes obscu-

ros, que atravessam a existencia minorando a dôr dos infelizes e que talvez por isso mesmo valem menos aos olhos da maioria do que os chamados fortes, os que provocam lagrimas e sofrimentos, como os guerreiros, herões tragicos e bufões que a historia corôa de louros quando devia cobrir de opprobrios.

E' um symbolo da bondade da nossa raça.

Outros representam a acção politica, litteraria, scientifica.

Elle era a virtude e o sacrificio personificados.

Já houve quem dissesse que não devem ser somente considerados genios os intellectuaes e os cultos. Genios são tambem os que encarnam a bondade no que ella tem de mais elevado; aquelles cuja individualidade representa as mais profundas delicadesas emotivas de um povo.

Se assim é, esse homem, genialmente bom, foi um typo superior. Mesmo entre os de sua classe, constitue impressionante excepção.

O Occidente atravessa uma phase de verdadeira decadencia moral. Vae dar-se evidentemente uma crise medonha no mundo civilisado, a braços com innumerados problemas, cada qual mais temeroso.

A vida européa se agita numa angustia sem nome, semelhante a que abalou o imperio romano na vespera da conquista dos barbaros.

A Arte e a religião — os dois polos do sentimento — debatem-se na mais profunda das crises, crise que vem de seculos e que ninguem sabe quando terminará. D'ahi essa estranha multiplicidade de seitas que por ahi pullulam.

E' um periodo de anarchia verdadeiramente tragico, dentro do qual as nações, perdido o senso moral e a crença religiosa, armam-se até os dentes, desviando assim a acção normal do homem, que não nasceu somente para a industria e para a guerra, mas para as luctas do espirito e para a fraternidade, um dever colectivo e uma obrigação individual.

E, assim como os povos estão se odiando mutuamente, os individuos tambem se guerreiam entre si, em batalhas muito mais crueis do que as dos tempos primitivos, nas luctas ferinas e impiedosas do capital, sem ambições nobres, sem ideaes elevados, unicamente movidos pela sêde do ganho e do dominio, do goso material e da victoria do dinheiro.

E, como no individuo não existe somente a besta, mas tambem o sentimento, dá-se actualmente um facto in-

APOSTOLO

Para a glorificação do
Padre JOÃO MARIA

*Foi Vicente de Paulo a cristão que na terra
sucedeu a Jesús fazendo a Caridade.
Pregou somente a Paz, amaldiçoando a Guerra,
condenou a Perfidia exaltando a Bondade.*

*Seu exemplo de amor toda Belesa encerra,
porque ele foi na vida o Bem da Humanidade.
Foi arrôio no valle e sôl por sôbre a serra,
disseminando a Fé no campo e na cidade...*

*Tu que vieste depois, Apostolo bemdito,
trouxeste toda a luz que brilha no infinito,
estrêlas transformando em pedaços de pão!*

*Sofreste a dôr alheia e consolaste os tristes,
e das portas do Ceu, neste momento, assistes
o povo a proclamar-te a — GLORIFICAÇÃO.*

Natal,—Outubro—935.

Barreto SOBRINHO

interessante, um phenomeno que está pedindo a analyse dos pathologos sociaes. Elle se diz catholico ou protestante, mas, de facto, não é cousa nenhuma. No primeiro caso não ouve missa, não se confessa, não executa a decima parte dos preceitos impostos pela igreja.

No segundo, lê diariamente a vida de Christo, admira o sermão da Montanha e canta os pequeninos poemas da Biblia, mas vae á guerra matar os seus irmãos e, com o livro santo entre os dedos, fuzila, degola, rouba, fere de frente não só o direito divino, mas os da especie, como fizeram no Transvaal, não ha muito, os inglezes, em pleno dia de progresso, matando creanças á fome e incendiando o lar sob cujo tecto outras almas, de joelhos elevavam para o céu orações inspiradas pela mesma crença e pelo mesmo desejo no Alto.

E' a illusão do sentimento de que falla notavel psychologo.

O cerebro humano aperfeiçoou-se á medida que o coração, inerte, se deixou ficar atraz. A industria, o commercio, a grosseira positividade dos dias de hoje, fizeram do homem uma pobre machina que ri quando tem o ventre cheio e se chama Rottchild, e mata quando tem fome e se denomina Caserio. De um lado, os esplendores do luxo e o mais desalmado egoismo; do outro, o peso excessivo do trabalho sem a esperanza de outr'ora nas recompensas do Além...

João Maria foi um protesto contra este estado de cousas. E a bondade consciente que emanava de seu coração como a lymph cristalina surge do seio da terra e os renovos brotam dos galhos das arvores quando vem a primavera,—diz bem alto em favor do sentimento norte-rio-grandense.

Orando, a sua phrase não tinha rendilhados, os periodos sahiam incertos, titubeantes.

Não lhe sobrava tempo para decorar sermões.

Mas via-se logo: aquelle homem timido possuia uma cousa que, nos tempos de hoje, só os simples e os santos possuem — a coragem de ser bom...

Natal—1906.

H. Castriciano.

Mais um Santo para o Céu

Si a caridade e a pratica do bem são, de verdade, flores espirituaes, Padre João Maria era um jardim, onde se coravam, cheias de viço, as rosas da filantropia e os lirios da caridade.

A modesta afirmação que expressa o meu pensamento a respeito das excelsas virtudes do apostolo de Christo, vem ao encontro da admiração popular de que era alvo o grande místico desaparecido.

Seria para mim tarefa improficua, mesmo desnecessaria ao conhecimento publico, tracejar odes ao divo evangelizador das bellezas divinas.

Todos o sabiam virtuoso, intelligente, amigo dos pobres, devoto da verdade, confiante nos preceitos do credo do qual se fez, pela sua fé, um eterno encantado.

Enclausurou-se na sua piedade, fez-se humilde, exhaltou, atravez de sua vida, os sentimentos mais nobres e mais louvaveis que podem haloar o espirito de um justo, e, puro como foi, justo como o sabemos, digno como resam os alfarrabios flagrantilizadoros da historia da sua vida de sacrificios e de compaixão pelos que soffriam, o ministro de Jesus não poderia deixar de ser—*Mais um santo para o céu.*

Os merecimentos de suas atitudes religiosas são reflexos da belesa inconteste dos preceitos da «Imitação de Christo», sua carta, seu breviario, seu livro de verdades filosoficas.

Extrema Uncção

Musa do lucto, Musa da tristeza,
Toma o psaltorio roxo da Saudade;
Vamos cantar o Sol da Caridade,
Vamos carpir o Anjo da pobreza.

Quem dos fracos succumbe na defeza,
Contemplando da Gloria a claridade,
Tem no proprio martyrio a magestade,
Tem no mesmo Calvario a realeza.

Musa, não ouves um concerto extranho?
Chega da Magua o pallido rebanho,
Deixa que passe o lugubre cortejo...

Emquanto a nota afinas da amargura,
Naquella fronte aureolada e pura
Quero imprimir o derradeiro beijo...

14—11—1905.

Segundo WANDERLEY.

De seu amor pelas cousas do céu se irradia a luz viva e serena da imortalidade.

E esta consagração conquistou-a a golpes de desprendimento, de renuncia, de abnegação, de crença firme, sem fantasias e sem alardes.

Não cursou como se faria preciso para a sua carreira, aulas classicas de filosofia e era filosofo «enrage», conhecedor dos fenomenos mais reconditos do espirito humano, descobrindo com a sua argucia de perscrutador, os estados de consciencia do proximo.

A sua retorica era apenas recursos do seu talento, tentaculos de sua inteligencia, raizes de sua fé, que se multiplicavam, irradiando-se entre os grandes espiritos contemporaneos.

O seu cantaro espiritual sempre o encheu na fonte cachoeirante de seu amor pela pobreza, de seu culto pelas verdades da religião que praticou em vida com o mesmo fervor de uma sentinela vigilante na defeza do posto que a patria lhe confiou e em o qual ela se conserva, indormida, esperando a clarinada clangorosa dos pregoeiros da vitoria.

A sua estamenha negra ainda ondula na memoria do nosso povo, semelhante a uma tunica de arminho e renda com que se amortalhasse um anjo ou com que se envolvesse a imagem impalpavel da Pureza.

Não viveu para si. Atravessou a existencia, abnegadamente em prol do bem coletivo, fazendo a caridade aos

desherdados da fortuna, confortando os moribundos nos momentos extremos de seu adeus, abrigando os velhos, e ensinando ás creanças os preceitos da virtude, do bem, da justiça e do amor ao proximo, padrões com que enfeitou a alma adolescente de gerações e gerações.

Padre João Maria ficou na historia de sua terra e anda irradiado nas lendas brasileiras, vivendo, como uma ara, no coração do povo potyguar.

Deu sua vida em holocausto por amor de sua crença e é por esta razão que sempre que lembramos o seu nome, temos a impressão de que, pela gloria de sua vida, ele é — *mais um santo para o céu.*

Jayme dos G. WANDERLEY.

PADRE JOÃO MARIA

O padre João Maria Cavacante de Britto morreu na manhã de 16 de outubro de 1905, numa casa do «Monte» emquanto de redor choravam, ajoelhadas na areia tepida, duas mil pessoas. Os sinos, annunciando a sua morte, suspenderam a vida da cidade. Tudo parou. As portas fecharam-se como palpebras cobrindo olhos humidos. Pedreiros, engraxates, carpinteiros, soldados, ricos e esmoleres, toda gente correu para velar o corpo do vigario inesquecivel. Enterrou-se tardinha e nenhum homem reuniu tantas lagrimas nem poude deixar tantas saudades. A multidão acompanhou o feretro, orando. William Porter, o pastor presbyteriano, seguiu o caixão, cabisbaixo e descoberto. Os «veneraveis» da maçonaria soluçavam, carregando coroas mortuarias. No Bardo, debruando o pontilhão, estava o estado maior do padre João Maria aguardando a passagem do enterro. Eram cegos, aleijados, hydropicos, escrofulosos, perebentos, lazarus, estropiados, hemiplegicos, monte de carne humana repellente, nauseabunda e soffredora a quem o vigario dispensava o melhor de seu tempo e o maior de seus cuidados. Quando o feretro passou-lhes ao alcance da vista ou do tacto, ergueu-se um clamor de desespero, de revolta e de pavor. Um choro alto, estridente, inextinguivel, um grito unisono de tragedia grega, rythmado numa convulsão de agonia e de morte.

—Morreu nosso Pai! Morreu nosso pai!...

Ao cahir da noite, sahidas as au-

A' MEMORIA DE UM JUSTO

autoridades, os ricos, o cemiterio desapareceu numa onda de famintos, de pobres, de desherdados agrupados junto ao tumulto, urrando de dor.

Hoje, sahindo de minhas aulas do Instituto de Musica, encontro mulheres resando ao pé de sua estatua e levando, para remedio, um pouco da grama verde que orla o soalco do seu monumento.

A historia da sua caridade é a maior tradição catholica de Natal. E' o orgulho da cidade, a lenda nas memorias vivas, o brazão que ennobrece a parochia, ornada de seu sacrificio. Alli, no soalho do consultorio, dormiu elle muitas noites, no chão, por ter dado a rêde. Da primeira janella distribuia quasi todo o almoço. Fez 27 kilometros a pé, andando no areal, para ir confessar uma leprosa. Na cacimba de S. Thomé, diziam, estava apparecendo um phantasma. Meu Pai mandou um soldado vigiar. Pela madrugada

um vulto surgiu, de preto, conduzindo um grande pote no hombro. O soldado saltou e largou-o, num berro de surpresa, quasi ajoelhado, beijando-lhe a mão. Era João Maria carregando agua para os bexigentos. Corria todo Natal de pé ou num burrico vagaroso, espalhando esmolas e orações. Sua malinha levava açúcar, sal, carne de sol, farinha de trigo, maizena, remedios. Ouvia os moribundos e fazia o alimento, curvado sobre as trempes humildes, mexendo o mingau, o caldo, o chá, o café confortador. Carregava lenha. Ia buscar agua. Quando a ultima epidemia de bexigas recuou, num rastro de cadaveres, João Maria cahiu. Estava esgottado. Dahi em diante foi sua agonia e, ao mesmo tempo, a apothese.

As lendas surgiram depressa e viciosas como flores num terreno propicio. O padre fazia milagres. Dava agua e esta curava todos os males. Sua capa, toda esburacada e cinzenta pelas chuvas, sarava feridas. Santificava-o uma existencia incrível de abnegação e de tenacidade. O Povo cercou-o, obstinadamente. Um dia consentiu em ver uma parte do rebanho que se comprimia no alpendre da casa onde elle padecia. Entraram centenas de mulheres e de velhos, de homens e de creanças, compungidos, olhos marejando lagrimas. O padre saudava-os a todos com o mesmo olhar immovel. Uma velha soluçou,

Bem haja o que se foi no mysterio do nada
Nas almas despertando um sentimento novo,
Ungido pela dor das lagrimas do povo,
Nimbado pela luz de uma affeição sagrada!

Esse deixa na terra um vivido exemplario,
Formado ao grande amor de um coração singelo:
E' S. Paulo ensinando o codigo mais bello,
E' Jesus bemdizendo a noite do Calvario!

Tú, sublime levita humanitario e nobre,
Desde o lar opulento ao tugurio mais rude,
Que pregavas a Fé no templo da virtude
E accendias a luz na lareira do pobre,

N'essa doce mansão que a Divindade encerra,
Como um filho da Crnz, abençoado, impolluto,
Has de colher mais tarde o peregrino fructo
Dos bens que derramaste em profusão na terra!

28—10—1905.

Gotherdo NETTO.

segurando o lenço para disfarçar o pranto.

—Não chore, minha filha, não chore — dizia João Maria. E, num meio sorriso:

—Você já é tão feia sem chorar!...

No proximo 16 de outubro, será o trigesimo anniversario de sua morte. Ha trinta annos que elle nos deixou. Seu tumulto, pequenino e ensinador de humildade, não tem uma lapide. Elle bem merecia alguns palmos de marmore com o seu nome luminoso. E' para esta lapide que teremos o DIA DA SAUDADE. Um de seus fieis, Joaquim Pelinca, veio pedir-me que lembrasse ao seu povo, aos filhos daquelles que seguiram, chorando, o caixão de João Maria. Não é necessario lembrar. Todos levarão o seu obulo para essa homenagem simplissima. E para os que recusarem ao padre, ao soldado de Christo, ao guieiro da Fé, a esmola que comporá sua sepultura, pôde ser que João Maria peça mais fervorosamente por esses olvidados na vida ephemera em que vivemos, convencidos da eternidade da nossa vontade, feita de fumo, gloria de cinza e renome de folha secca.

Da minha parte ergo tambem o pobre auxilio de peccador para a perpetuidade de seu nome de santo.

Natal, 1935.

Luiz da CAMARA CASCUDO.

PADRE JOÃO MARIA

[No 30º anniversario da sua morte]

Tua existencia apenas se compara á luz do sol, que anima as solitudes e, por igual, fecunda, beija e aclara valles floridos e asperos taludes.

Sereno, em meio ás provações mais rudes, com que pureza commovente e rara praticaste a mais bella das virtudes, —segundo o Mestre aos homens ensinara!

Que thezouro entre o povo repartiste, dando pão ao faminto, agua ao sedento, curando o enfermo, consolando o triste!

Gloria da Igreja! lá da eternidade attende, hoje, ao clamor do teu armento errante pelos ermos da saudade.

Natal, 3—10—35.

Damasceno BEZERRA.

Restea de luz da Bemaventurança

Padre João Maria,—o apostolo da caridade, o amigo do pobre, o amparo dos velhos, a providencia do necessitado, dentro do seu feitio humilde e recolhido de modesto vigario de parochia, ignorado na profundeza do seu sacrificio, desconhecido na sublimidade de sua renuncia, foi um modelo perfeito de sacerdote christão, cuja bondade acolhedora fundiu a aureola de santidade com que a devoção dos seus parochianos engrinaldou, para sempre, a memoria sagrada do virtuoso vigario.

Coração dilatado pelo amor de Deus e do proximo, alma rica de dons divinos, engrandecida de favores celestiaes, o Padre João Maria conquistou a devoção do seu rebanho pelo sortilegio da caridade, que fez morada no seu coração.

O seu nome sagrado, ilumina ainda o portico bendicto da cidade devota de Nossa Senhora da Apresentação como uma lembrança muito suave e muito amiga do abrigo miraculoso da sua alma de santo, em cujo refugio a alma sofredora da pobreza de Natal encontrava o seu ninho de consolação.

Padre João Maria! o seu nome é uma prece, uma supplica, uma saudade, uma devoção.

A sua bondade dadivosa e agasa-

lhadora tinha a frescura da fonte, que refrigera e a abundancia do pão que conforta e sacia. Era trigo... Era agua... Azeite e lume dos desherdados...

E as mãos trigueiras de sacerdote,—mãos bentas desenlaçadas da fita symbolica, como que abençoam, ainda e para sempre, do alto da colina biblica, do oiteiro verde da cidade afillhada de Nossa Senhora d'Apresentação, o rebanho devoto.

E de lá do alto da *torre de marfim*, da *porta do céo*, o sacerdote pastor continua a vigiar as ovelhas do Senhor.

E o seu olhar de bondade e doçura — restea de luz da bemaventurança — parece derramar sobre a terra do seu povo, um jorro de graças celestiaes, procurando dissipar a nevoa da discordia que ameaça envolver a tranquillidade dos filhos da terra mansa cercada de aguas brandas e de ceus azues.

Beatifica vizão que vagueasse pelos areiaes encandescentes, pairando acima do rio tranqüilo e das dunas brancas, seria tão bemfaseja como a lembrança do vigario Santo, a resurgir do passado, na memoria do coração do seu povo, como quem procura, alem da morte, fazer vibrar na consciencia adormecida da cidade devota, a voz harmoniosa do divino preceito — *Amae-vos uns aos outros.*

Palmyra WANDERLEY.

Levita do Bem, Elle o foi

Para o Padre JOÃO MARIA, no 30º-anniversario do seu fallecimento, em 16 de outubro de 1935.

No turbilhonamento da vida terrena onde a existencia dos seres humanos passa, ora cheia de dores e martyrios, ora na agitação febril de cantos e rizes, ora numa harmonia dolente de sons justificando uma alegria que parece, ás vezes, não ter fim—as gentes, cumprindo, assim, esse fadario— sentem extravazar-lhe a alma em duplas emoções, como que levadas pela mão do Destino, a satisfazer caprichos por elle determinados.

Somos, por isso, bons e máus.

Se o soffrimento perdura solapando a alma do individuo e nelle encontra a fraqueza para seu dominio, eis que, desfallecidas todas as esperanças

— acorda-lhe no «eu» a maldade que tudo póde—d'ahi o desespero e a revolta, e miseria do crime e tudo mais, contra indefesas creaturas, elementos são da collectividade. São os máus.

Se a alegria foi e é o apanagio de outros que querem viver bem ambientados nos circulos que se cream cheios de uma esperança de dias felizes e se encantam e se enfloram com as bellezas da propria natureza, esses, devaneando a vida, sabem vencer e em tudo o sorriso e a alegria, numa harmonia constante prendendo o coração á volupia dos praseres,—esses ainda, na vida collectiva, enquanto vivem, são uns felizes eternos e podemos presumir sejam os bons...

Esses sentimentos heterogeneos, parecem, ás vezes, homogeneos, se me permittirem o paradoxo. Distinguem-n'os bem os que são versados em psychologia.

—Existem, ainda, neste valle de lagrimas, outras creaturas sómente dotadas de bondade sem outros attributos que a influam, de uma bondade christã, que se desdobra no fazer o bem aos que parecem bons e aos máus. Abroqueladas no seu espirito benefico, delle vêm expargir o maior dos sentimentos humanos a caridade — a caridade que nasce sem que se aperceba e sem querer seja percebida por outrem, como que receiosas de serem desvirtuados tão bons designios. Bem raros são esses especimens humanos.

Durante a minha existencia meio secular, conhecendo outras terras e outras gentes, bem me posso lembrar que até a vida presente creaturas assim fadadas jamais encontrei uma só que se igualasse ao Padre João Maria Cavalcante de Britto.

Conheci-o na minha juventude e com elle privei, recebendo de suas mãos purificadas o balsamo tranquilizador do espirito e da fé, a esportula sagrada ou o consolo dos crentes...

Depois, seus labios abriram e sabios conselhos vieram trazer-me o lenitivo de novas esperanças no afan generoso de querer ser-me útil quando novamente procurei-o para pedir-lhe a sua benção num adeus que foi o ultimo, mal sabia eu, quando de minha viagem aventureosa para o extremo norte.

De viagem, dias depois, em Belem do Pará, tive a infausta noticia do triste evento.

A saudade dos entes queridos que deixára, dominava-me. Essa lamentavel perda confrangera-me ainda mais o coração, interrogando a mim mesmo o que seria dos pobres de minha terra na sua

eterna orphandade paternal. As lagrimas que borbulharam nos meus olhos não me causaram vergonha. Senti extravazar na alma um sentimento profundo cujo reflexo havia exteriorizado.

Desapparecera, emfim, dentre os seus que eramos todos nós os riograndenses, o Padre, o Sacerdote, na sua expressão mais legitima. A virtude, no seu eterno esplendor e a caridade na sua mais bella e característica privação dos seus sentidos. Quem o conheceu dirá assim tambem. Quem não o conheceu ficou privado de ver um santo na communhão dos homens, arriscando a vida que não lhe pertencia em beneficio do aprisco das suas ovelhas que apascentava com amor e com carinho.

Sacerdote de Christo, Apostolo do Bem, o Padre João Maria, deixou no clero brasileiro santificada a sua corôa e na alma dos riograndenses a immortalidade do seu nome.

Viveu para ser Padre e assim purificou-se. As suas palavras e os seus conselhos tinham a doçura e a candidez do riso das creanças. Foi um bom. Foi um justo e por isso, até então nunca lhe foi negado o direito de reviver na memoria dos que compunham o seu rebanho. A sua silhueta se nos apresenta sempre á imaginação para que nos dê maiores fortalecimentos e não esquecermos, jamais, de narrar aos que não lhe conheceram o prodigio de suas acções, factos que ennobrecem o seu passado e que hoje, nada mais é do que uma lição de desprendimento aos homens e um exemplo imitavel da sua vida ecclesiastica.

Santa Cruz, out. 935.

Aristoteles COSTA.

PADRE JOÃO MARIA

O seculo em que vivemos, affeito á tangibilidade das observações experimentaes, procura vinculo ás inter-acções humoraes, simultaneamente o mais hediondo e abjecto dos crimes, e os mais desentereçados de virtude e de heroismo. Virtude ou vicio, alegria ou magua, honestidade ou crime são manifestações do determinismo constitucional. Negando ao homem a liberdade volucional, priva-lhe do direito de *ser bom*, nega-lhe a liberdade de *ser mau*.

Cerceando-lhe a imputabilidade, torna-o incapaz de merito e demerito,

Lembrando-O

Meu querido Padrinho João Maria,
Eu vos recordo quando, pequenino,
Vossos conselhos sempre alegre, ouvia
Confiante de aclarar o meu Destino.

Cresci, mudei; porem, Jesus, Divino,
Permittiu-me crêr sempre o que dizia
A vossa vóz... lembrando-a, hoje, me inclino
Respeitoso, ás lições que recebia.

Lições de Mestre, de Pastor, de Santo
Que confortava, que enxugava o pranto,
Que conduzia todos para o Bem...

Filho de Deus, não ha quem vos esqueça,
O vosso Irmão não tinha onde a cabeça
Repousar... Não tivestes, vós, tambem.

Outubro, 1935.

J. ESTEVAM.

derruiu por terra o altar votivo, em que as gerações têm invocado os seus heroes e seus santos, como numes tutelares da patria.

Fé, heroismo, virtude, sacrificio, abnegação é temperamento. Torpeza, crime, crueldade, apenas uma determinação harmonica.

O diamante talhado em rosa, brilha como uma estrella lapidada, com todos os cambiantes do arco-iris. O lirio desabrocha no prado em toda magestade de sua alvura esplendida. Mas que merito terá o brilhante que fulge, e o lirio que rescende? O heroi, que passou como um semi-deus vingador pelos campos de batalha; o santo cujo nome labios tremulos repetem nas horas de dôr e de agonia—apenas a omnipotencia tiranica dos hormonios.

A innanidade de taes conceitos, felizmente, não tem podido resistir, na sua inconsistencia flagrante á rigidez dos argumentos logicos e ao testemunho da consciencia. Os povos continuam a levantar aos seus heroes aras votivas no pantheon dos immortaes. Aos santos a alma catholica ergue ainda para o ceo a flecha ousada das cathedraes gotticas. Não ha negar, no pantano das abjecções moraes sobrenada a virtude com fulgurações de sol, como sobre a podridão do charco, a pureza phosphorecente do fogo-fatuo.

Padre João Maria, na sua bondade captivante, na sua caridade illimitada, no seu heroismo sem alardes, tem sido uma dessas figuras que o tempo e o

esquecimento não soem desbotar. O tempo, que para muitos cava abismos de esquecimento, levantou-lhe um pedestal magnifico, onde a geração presente queima o incenso da gratidão e do reconhecimento. Padre João Maria foi um artista. Do bloco informe de marmore não fez brotar as linhas delicadas duma estatua; sua mão jamais delineou os contornos duma tela famosa; foi contudo um artista inexcedivel.

No homem, como nas plantas, se debatem forças contrarias, antagonicas. A alma tem seus tropismos. Uns, impelem-no para o alto numa ansia de luz e de sol; outros, arrastam-no para a terra, para a humidade, para a escuridão. Maior que o espaço pelo pensamento, maior que o tempo pela immortalidade, o homem sente no claro-escuro do sub-consciente fermentar as larvas dos instinctos. Grande artista foi o Padre João Maria, que da massa inconsistente da vontade, plasmou a estatua grandiosa de um character.

Resistindo ás sollicitações tropicas do homem terreno, soube polarizar as tendencias de sua alma, e as faculdades do seu formoso espirito para o norte do bem e da virtude.

E a virtude do Padre João Maria, não foi temperamento.

A bondade captivante que tanto o distinguia, não era filha dum temperamento apathico e frio, incapaz de reagir. Sua caridade não era resultante de natias psicologicas ineluctaveis.

Quem lhe conhecesse a constituição impulsiva e os caracteristicos do seu typo psicologico, conviria de certo, que a virtude nelle foi o resultado dum trabalho indefectivel, acurado, persistente.

Natal, outubro, 1935.

Padre Luiz MONTE.

Programma das Homenagens

16 de Outubro de 1935

A's 7 horas, na igreja do Rozario, missa celebrada pelo Exmo. e Revmo. Senhor Bispo Diocesano, D. Marcolino Dantas, acompanhada a canticos pelo córo de Santa Theresinha.

Após a missa, a Escola «Padre João Maria», com o concurso dos Escoteiros do Alecrim e Escoteiros do Mar, irá até

a Praça onde se ergue o busto do seu Patrono, afim de prestar-lhe significativa homenagem.

Sobre a personalidade do Padre João Maria fallará o Professor Luiz Soares Corrêa de Araujo.

A's 9 horas, na séde da "Liga Artistico-Operaria", á Avenida Rio Branco, n. 621, distribuição de esmolas aos pobres em homenagem á memoria do inesquecível sacerdote.

20 de Outubro de 1935

— 1.^a PARTE —

A's 16 e meia horas, partirá da séde da "Liga Artistico-Operaria", grande romaria ao Cemiterio do Alecrim, para inauguração da lapide com o retrato do grande BEMFEITOR DA POBREZA, fallando nesta occasião, alem do Snr. Dr. Luiz da Camara Cascudo, outros oradores.

— 2.^a PARTE —

A's 20 horas — Sessão magna na séde da «Liga», fazendo-se ouvir um dos nossos mais illustrados oradores conterraneos que offerecerá á essa sociedade, em nome da commissão promotora das homenagens, uma artistica photographia do extraordinario operario do Bem e da Caridade que foi, entre nós, o Padre João Maria.

Os Escoteiros do Alecrim e Escoteiros do Mar, por gentileza especial dos seus dignos Directores, tomarão parte em todas as solemnidades, fazendo «Guarda de Honra» ao tumulo onde repousam os restos mortaes do prantea-

do morto, até a hora da inauguração da lapide.

Para tomarem parte em tão justas e merecidas homenagens de Saudade e Gratidão, a commissão tem a honra de convidar as autoridades civis, ecclesiasticas, imprensa, associações operarias, religiosas e litterarias, collegios e finalmente o Povo em geral.

NOTA. — Por motivo da demora do vapor Chuy, que conduzia do Rio a esta Capital a lapide a ser collocada no tumulo do Padre João Maria, a solemnidade de sua inauguração foi transferida para o proximo domingo, 20 do corrente, bem como a sessão magna da «Liga Artistico-Operaria».

Natal, outubro, 1935.

A COMMISSÃO

Joaquim Pelinca de Oliveira
João Carlos de Vasconcellos
Francisco Sylvestre Sampaio
João Ponche da Silva
João Estevam Gomes da Silva

AGRADECIMENTO

A Commissão promotora das homenagens á memoria do inesquecível Padre JOÃO MARIA, vem tornar publico o seu grande e sincero reconhecimento a todos quantos, num gesto acolhedor de sympathia e de bondade, se dignaram amparar tão justa e merecida iniciativa, contribuindo espontaneamente para a effectivação das mesmas.

Typ. «Santa Theresinha», — Natal